



JORNALISMO	ESPORTES	ENTRETENIMENTO	APLICATIVOS	TODOS OS SITES	GLOBO MEDIA CENTER	CENTRAL
------------	----------	----------------	-------------	----------------	--------------------	---------



Central do Leitor

Globo Online

Jornal O Globo

Diário de S. Paulo

Assine O Globo

Classificados O Globo

Anuncie

Agência O Globo

Primeira Página

Colunas

O País

Opinião

Rio

Economia

O Mundo

Ciência

Esportes

Segundo Caderno

Suplementos

Boa Chance

Boa Viagem

CarroEtc

Ela

GloboInho

InformáticaEtc

Megazine

Morar Bem

Prosa & Verso

Revista da TV

Rio Show

Bairros

Baixada

Barra

Centro

Ilha

Niterói

Serra

Tijuca

Zona Norte

Zona Oeste

Zona Sul



Aqui você encontra textos publicados no **Globo** (desde 97) e no **Extra** (desde 98)

Últimos 7 dias grátis

ESPECIAIS



Previdência Privada

Comércio Exterior

ECONOMIA

Rio, 10 de junho de 2005

Versão impressa

A riqueza das solteiras

Cássia Almeida e Flávia Oliveira

Até ontem, sexo, casamento e economia pareciam ter nada em comum — há quem desconfie que nem os dois primeiros termos se relacionem tão intensamente. Mas o pesquisador Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV), decidiu repetir com estatísticas brasileiras experiências internacionais que misturam desempenho econômico e situação conjugal. Descobriu que a solteirice é particularmente rentável para as mulheres. Precisamente para as cerca de 19 milhões de brasileiras com mais de 20 anos de idade que vivem sem marido ou companheiro e, contrariando o senso comum de que casamento enriquece, têm renda 62% superior à recebida pelas casadas ou informalmente unidas.

No estudo batizado de "Sexo, casamento e economia", Neri explica que, das variáveis demográficas, o casamento é a que mais se envolve com as flutuações econômicas. Unir-se ou não a uma pessoa é questão mais de escolha, menos de fisiologia, como fecundidade e mortalidade. A relação entre casamento e economia é incomum no Brasil, mas foi profundamente investigada mundo afora, particularmente pelo americano Gary Becker, da Universidade de Chicago, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 1992.

— Fundamental é descobrir como fatores econômicos afetam o fato de uma pessoa estar casada ou não — diz Neri. — Houve uma revolução feminina nos últimos 30 anos, com a entrada maciça no mercado de trabalho. Isso permitiu a elas escolherem seu destino. O casamento indissolúvel, sustentado na dependência econômica, diminuiu bastante.

Casamento informal quadruplicou em 30 anos

A consultora Paula Vieira tem 41 anos, um trabalho que lhe rende entre R\$ 12 mil e R\$ 15 mil por mês, é pós-graduada em marketing e está vivendo sozinha há sete anos, depois de dois casamentos. Resume com precisão o perfil identificado na pesquisa. Quanto mais ricas, mais instruídas e mais velhas, mais sós vivem as mulheres, especialmente as que moram nas metrópoles. Nas capitais, 45% estão sozinhas; nas áreas rurais, 25%.

— Parece que os homens se assustam quando percebem seu nível de renda. Ainda têm na cabeça a imagem do provedor. Além disso, vamos ficando mais exigentes. Um dos motivos para o fim do meu primeiro casamento foi meu ex-marido não



COLUN.

Panora - Miriar Sobe a p

SUPLEM

Boa Cha
Boa Viaç
Carro Et
Morar B



A nova abertura da economia



Petrobras
Aos 50 anos e cheia de gás



Energia
Em meio à crise, em busca de luz

ASSINANTES



Loja O Globo



Assine O Globo



Assinante Online



Clube do Assinante

SERVIÇOS



O tempo no Globo



Guia de Serviços - Rio



Comprar Bem



Hands
Plantão e guias no seu PDA



Seguros Online
Faça sua cotação



Defesa do Consumidor
Problemas na última compra?



Cartas dos Leitores
Envie sua mensagem



Loterias
Todos os resultados

concordar com que eu trabalhasse — conta.

Não por acaso, 30 anos atrás seis em cada dez mulheres eram casadas. Hoje, o casamento no papel só seduz 45% delas. Os anos de emancipação fizeram crescer a solteirice (de 35% para 38%) e as uniões informais, que quadruplicaram desde 1970: de 4,4% para 16,5%.

Foi a opção da médica Amélia Souza. Aos 56 anos, com bom nível de renda e após dois casamentos, preferiu um relacionamento em casas separadas. Tem um parceiro há cinco anos e acha que não só razões sociais e econômicas determinam a escolha das mulheres:

— Há pessoas que preferem o casamento clássico. Outras, não. Não moramos juntos, mas há um compromisso. Há uma questão de temperamento nessa escolha também.

O estudo mostra que 48,5% das mulheres com pelo menos 12 anos de estudo vivem sozinhas, condição que também atinge 60% das que têm mais de 60 anos. A socióloga do Núcleo de Estudos da População da Unicamp Elisabet Dória Bilac afirma que o resultado tem uma explicação cultural. Os homens se casam com mulheres mais jovens e pobres, enquanto as elas procuram parceiro com perfil oposto:

— É uma coisa, de certa forma, perversa. Quando a mulher tem mais chance de escolher, o número de opções se reduz bastante.

O lado bom é não precisar manter uma união fracassada por falta de condições de sobrevivência. E não necessariamente por causa do trabalho. Neri chama a atenção para as mudanças nos direitos previdenciário e civil, que garantiram renda às descasadas e viúvas. Aposentarias e pensões são a segunda maior fonte de recursos das mulheres, seguida das transferências privadas — pensão alimentícia, para os íntimos.

A física Vera Soares, do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), comemora a emancipação feminina, mas torce para que a vida só seja uma escolha, em vez de fatalidade:

— É triste pensar que as mulheres estão sós porque priorizaram a profissão em detrimento da vida pessoal. Mas se estiverem felizes e ricas sem o clássico marido, que ótimo!

Onde mora a solidão

LEIA MAIS

Corpo-a-Corpo: ROBERTO DaMATTA

[Enviar por email](#) [Versão para impressão](#) [Voltar](#) [Topo](#)

